

UM ACORDO MEMORÁVEL

Luiz Carlos Corrêa Carvalho

caio@canaplan.com.br

“Em festa de jacu, nhambu não entra”.

Em local da Petrobrás, os Presidentes Lula e George W. Bush (EUA) assinaram, em 09/03/07, um Acordo pautado em 3 grandes pontos:

- Investimento conjunto em Pesquisa e Desenvolvimento na área de biocombustíveis, especialmente bioetanol;
- Trabalho conjunto visando disseminar os benefícios dos biocombustíveis para outras regiões das Américas e África;
- Estabelecimento de padrões e normas e coordenação de posições em fóruns internacionais complementares.

O encontro, programado de forma até certo ponto complicada, recebeu críticas que vieram de figuras folclóricas como a do Pres. Chaves da Venezuela e mesmo de alguns países “hermanos” além de posições negativas da mídia, alicerçada na lógica de que sem a derrubada da barreira imposta pela taxa de importação de etanol, nos EUA (US\$ 0,54/galão), não faria senso tal Acordo. Do lado do Pres. Chaves a frase de “tanque cheio”, “barriga vazia”, é o testemunho ideológico do lado “petrossáurico” que luta contra a maré.

Do lado da questão da barreira do imposto, prevalece ainda a visão de curto prazo que caracteriza parte da cadeia setorial e da mídia que a acompanha. A pergunta-chave à questão etanol, que atormenta os pensadores do setor, é “como expandir o mercado de etanol, com o produto tornando-se realmente uma “commodity”, assim como a gasolina?

É importante entender que a síntese do Acordo se resume a “ganhos de eficiência”, transferência de tecnologia e “know-how” e definição de padrões e normas. Ou seja, com recursos bem alocados, dar-se-á na salto de velocidade e, principalmente, se houver articulação e coordenação!

O Acordo não se preocupa com o recente raciocínio neo-malthusiano que se prolifera nas camadas que vivem do passado, raciocinando o futuro como uma mera projeção do que se conheceu (o futuro virá, rapidamente, com as cores que se plantarão, na colheita dos anos vindouros). Isso é ridículo, pois nega completamente os efeitos espetaculares das tecnologias já plantadas. O Acordo visa gerar condições para que o meio rural tenha melhor renda e que as questões relacionadas ao aquecimento global recebam um tratamento de solução..... o slogan correto seria “barriga cheia, tanque cheio”, com políticas públicas e privadas coordenadas, sempre claramente ligadas à busca da sustentabilidade.

O Acordo não fala em imposto, questão a ser tratada ao nível dos Congressos dos dois países democráticos. É preciso consciência do papel de cada um desses países na construção do futuro que queremos, que certamente passará por ações efetivas, rápidas e coordenadas.

Os dois países representam hoje acima de 73% da produção mundial, sendo um do hemisfério norte rico e outro do hemisfério sul em desenvolvimento, com grãos e cana-de-açúcar. Em síntese, ambos detêm o

conhecimento do estado da arte (aliás são eles que o fazem) e são os que efetivamente farão a diferença.

As questões que hoje estão em volta de todo esse processo são basicamente as já citadas (alimento vs combustível; ser efetiva “commodity”; ter competitividade) além de haver um fundamento que pouco tem sido tratado, principalmente ao nível da mídia: a importância dos biocombustíveis como verdadeiro agente de assegurar maior equilíbrio nos preços do petróleo e de gerar maior segurança energética. Trata-se da importância de se ter uma visão e de buscá-la! O negativismo de um futuro tangível é a pedra de toque da insensatez de continuar a fazer as coisas como antes eram feitas: insistir no erro, conhecendo-o, é mais que burrice ou desfaçatez, é insanidade!

O Brasil produz hoje cerca de 6.000 a 7.000 litros por hectare e, em 2015, serão entre 9.000 litros a 10.000 litros por hectare, já contando (conservadoramente) com 14 litros de álcool por tonelada de cana, através de bagaço. Em 2025, ou seja, 10 anos depois, serão 14.000 litros por hectare (com 37 litros por tonelada de cana – bagaço e palha - 25%) via hidrólise. Isso significa dizer que se o mundo contar com o álcool de cana (produtividade Brasil) substituindo 10% da gasolina seria necessário, em 2002, 152 bilhões de litros de etanol em 25 milhões de hectares com cana; para 2025 serão 252 bilhões de litros de álcool, porém, em 16 milhões de hectares!¹ No caso dos EUA, com a tecnologia convencional, será possível produzir 15 bilhões de galões de etanol (57 bilhões de litros) com milho. Com a hidrólise pode-se ampliar fantasticamente esse número. Esses dados, relevantes, são importante indicadores da linha de sustentabilidade do setor e a sua posição de complementariedade à agricultura de alimentos.

Um exemplo de ação e reação, é o que se verifica nos EUA no pós-pronunciamento do seu Presidente da República: GM, Ford e Chrysler foram esse mês ao Pres. Bush reiterar o seu apoio e as suas ações no sentido de viabilizar as metas (132 bilhões de litros em 2017) de redução do uso da gasolina naquele país, inclusive citando as suas experiências muito positivas no Brasil. As três grandes empresas não só produzirão 50% de FFV naquele país em 2012 como irão apoiar na montagem da infraestrutura de Postos de Revenda para etanol. Isso, nas palavras do Pres. Bush, será “a maior ruptura tecnológica no país”.

¹ Manoel Régis Lima Verde Leal, CTC, 2005.



Para que ao nível global isso aconteça, muitas resistências, ainda fortes, deverão ser quebradas. E não se irá quebrá-las pela “força”! Os atuais US\$ 0,54/galão de etanol como taxa de importação são importante base para que os investimentos aconteçam na velocidade necessária naquele país. As necessidades adicionais à capacidade produtiva que eles tem virão de quem??? Não é suficientemente claro?

O Brasil precisa estruturar-se ao nível governamental para liderar esse movimento. É preciso, talvez, concentrar os esforços no Palácio, com a Ministra Dilma Russef ou algo assim... é urgente!!

Os recursos a serem alocados em Pesquisa&Desenvolvimento e em Transferência de Tecnologia pedem absoluta e competente coordenação; a questão dos padrões e normas do álcool não pode deixar o etanol hidratado brasileiro contra a parede. Ou alguém, de fato, quer isso?

A velocidade do aquecimento do planeta e as mudanças climáticas irão forçar o aumento da velocidade da biotecnologia, no campo genético, viabilizando a cana talvez em ambientes que mostrarão mudanças mais rápidas. Ou seja, o Acordo talvez até tenha chegado com atraso.

Mas as críticas do atraso, num esforço formidável de criar dificuldades ou desacelerar mudanças podem segurar o Brasil, novamente.

Onde está o nosso Senso de Urgência?